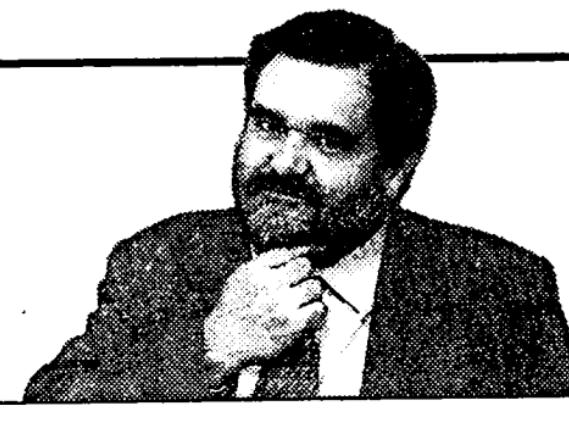


Celso Pinto



A esquizofrenia econômica

Editorial - Brasil

A economia brasileira está vivendo uma esquizofrenia. Há uma sucessão de boas notícias, do lado financeiro, enquanto pioram, a cada dia, os indicadores da economia real.

A recuperação financeira surpreende pela rapidez. A deterioração da economia real também. Em algum momento, no futuro, os dois lados vão se encontrar.

Talvez o pior momento, do lado financeiro, em termos de expectativas, tenha sido durante a reunião anual do FMI e do Banco Mundial, em Washington, no início de outubro. A credibilidade do Brasil estava perto de zero, os prêmios de risco batiam recordes e os créditos comerciais sumiam.

Nas discussões em Washington, um tema central era o risco de uma moratória da dívida interna brasileira. Ninguém previa quando o mercado financeiro iria reabrir para países emergentes e havia o fantasma de uma recessão mundial em 99.

Se alguém, na época, dissesse que um pacote de resgate para o Brasil só poderia estar disponível no início de dezembro, ouviria que, antes disso, o país já teria quebrado.

Desde então, os Estados Unidos cortaram sua taxa de juros três vezes, seguidos por vários países europeus. Ao mesmo tempo, a operação resgate do Brasil foi uma sucessão, muito bem sucedida, de muitos anúncios positivos e poucos fatos.

O pacote de ajuste do Brasil, que o mercado esperava para a reunião do FMI, acabou saindo apenas no dia 28 de outubro. O FMI, normalmente, precisa de seis semanas para aprovar um programa de ajuste. No dia do pacote fiscal, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse que essa regra só valia em situações normais e a do Brasil não era.

Pois bem, entre o anúncio do pacote fiscal e a reunião do "board" do FMI, marcada para 2 de dezembro, terão passado cinco longas semanas. Nesse meio tempo, o ânimo do mercado foi sendo açoitado pela sequência, a cada quatro ou cinco dias úteis, de declarações e anúncios de intenções positivas em relação ao Brasil.

Para os investidores financeiros, a situação atual é aquela na qual a ganância tende a falar mais alto do que a prudência. Nas últimas duas semanas, falei com três grupos de investidores internacionais pesados que estiveram no Brasil.

Todos estão cautelosos em relação ao futuro, mas positivos em relação ao curto prazo. O acordo com o FMI e os dólares que o acompanharão minimizam o risco de um colapso cambial imediato. Como os preços das ações no Brasil estavam baixíssimos e os juros estão na Lua, a tentação de embolsar lucros nas próximas oito a dez semanas tende a ser maior do que o medo, por exemplo, de um impasse na votação do ajuste no Congresso.

O mercado costuma agir como rebanho. A reação da Bolsa estimula mais entradas de investimentos. As menores saídas de dólares reforçam a impressão de que o pior passou. Os prêmios de risco caem, algumas emissões externas são viabilizadas e o crédito comercial começa a melhorar.

Essa recuperação financeira, a partir do fundo do poço, coincidiu com uma deterioração maior do que a esperada na economia real. O PIB já caiu no terceiro trimestre e deve cair mais no último trimestre, instalando, tecnicamente, a recessão, antes mesmo de 99. O baque no setor automobilístico tem ultrapassado as piores expectativas e o desemprego pode piorar, no melhor período sazonal do ano.

Um setor estratégico, o de bens de capital mecânicos, esperava crescer 10% este ano. De janeiro a setembro caiu 2,1% e até o fim do ano prevê uma queda de 6%. Já deve perderam 10 mil empregos e mais 18 mil devem desaparecer até dezembro, uma queda de 10% no ano.

Até o ano passado, a recuperação na produção do setor era apontada pelo governo como prova de que os investimentos estavam indo bem e o setor ganhava, rapidamente, competitividade. Hoje, o presidente da Abimaq-Sindimaq, associação do setor, Luiz Carlos Delben Leite, diz que, exceto na área de telecomunicações, todas as outras estão com investimentos paralisados ou adiados, inclusive a automobilística.

As exportações do setor chegaram a crescer 6%. Em setembro estavam crescendo apenas 0,4% e a previsão é que fechem 98 no vermelho. Delben Leite teme por uma forte tensão social gerada pelo desemprego no início de 99.

É onde os temores da economia real se encontram com os do mercado financeiro. As boas notícias na área financeira, que animam o apetite por lucros de curto prazo, vão perder seu fôlego nas próximas semanas, ao mesmo tempo em que o teste de resistência de um país em recessão ganhará corpo.